

BOLETIM DO SANATÓRIO SÃO LUCAS

FUNDAÇÃO PARA O PROGRESSO DA CIRURGIA

Rua Pirapitingui, 80 — São Paulo, Brasil

Vol. XXII

JUNHO DE 1961

N.º 12

Sumário:

O lado cômico de uma profissão triste — Dr.

ULISSES LEMOS TÔRRES 179

Índice Geral do Volume XXII 190



Boletim do Sanatório São Lucas

Suplemento de

"ANAIIS PAULISTAS DE MEDICINA E CIRURGIA"

Editado sob a direção do

DR. CLODOMIRO PEREIRA DA SILVA

pelo

SANATÓRIO SÃO LUCAS

FUNDAÇÃO PARA O PROGRESSO DA CIRURGIA

Diretor

DR. EURICO BRANCO RIBEIRO



Órgão oficial da Sociedade Médica São Lucas

Rua Pirapitingui, 80, Caixa Postal, 1574 — São Paulo, Brasil



DIRETORIA — EXERCÍCIO DE 1961/1962

Presidente

DR. ENRICO RICO

Segundo Tesoureiro

DR. LUIZ BRANCO RIBEIRO

Vice-Presidente

PROF. CARLOS DE OLIVEIRA BASTOS

Bibliotecario

DR. ROBERTO DELUCA

Primeiro Secretário

DR. EURICO BRANCO RIBEIRO

Conselho Consultivo

Segundo Secretário

DR. JOHN BENJAMIM KOLB

DR. JOÃO NOEL VON SONNLEITHNER

DR. JOSÉ SALDANHA FARIA

DR. WALDEMAR MACHADO

Primeiro Tesoureiro

DR. CLODOMIRO PEREIRA DA SILVA

DR. MOACYR BOSCARDIN

DR. PAULO G. BRESSAN

BOLETIM DO SANATÓRIO SÃO LUCAS

FUNDAÇÃO PARA O PROGRESSO DA CIRURGIA

Vol. XXII

JUNHO DE 1961

N.º 12

O lado cômico de uma profissão triste

Dr. ULISSES LEMOS TORRES

*Livre-docente de Clínica Médica — Chefe da 2.ª Medicina
de Homens da Santa Casa*

*"et le ministère sacré du médecin, en
l'obligeant à tout voir, lui permet de tout dire".*

Tardieu-Des attentats aux moeurs.

Na carreira médica o estudante se maravilha com a ciência do organismo humano e se acha imbuído da curiosidade respeitosa de quem vai penetrar nos mistérios da vida e da morte. Cedo verifica quão falazes são os meios de combate à inexorável e fatídica morte. Na profissão médica, é principalmente o clínico que lida e constantemente assiste ao sofrimento humano. Convence-se que nas moléstias crônicas sua ação se cinge a minorar e retardar a marcha de uma evolução que prevê e segue. No decorrer desta convivência estes doentes vêm a tornar-se seus amigos. Seus amigos se vão e ele permanece, sem as ilusões dos leigos, consciente de suas limitações, fatalista e comedido. Mas nem tudo no exercício da clínica é tristeza e os sucessos compensam de certa maneira a sua limitação. Há também o lado cômico. Nem podia deixar de haver, pois o cômico e o trágico são da vida humana.

No setor do cômico da Medicina, há aqueles episódios que são oriundos da simplicidade humana e por isto simpáticos e divertidos. Entretanto, há também aqueles oriundos do artificialismo e snobismo da "granfinagem". Estes já não são sentidos com a mesma simpatia e tocam as raias do ridículo. Nas reuniões seletas o médico observa os homens entre as doses de whisky apregoarem suas taxas de colesterol ou lipo proteínas com a satisfação com que dizem da cotação das ações das suas empresas e aquele que obtém a mais alta, sorri satisfeito e é olhado com admiração e respeito. As mulheres, no jogo de buraco ou pif-paf, falam de suas doenças.

Quase tôdas fazem psicanálise ou regimem de emagrecimento com um médico em moda, que controla o pêso semanalmente com a determinação do metabolismo basal. Cada quilo custa mais de 5.000,00 cruzeiros. Enfim, o que importa é manter a linha.

Nestas reuniões, com o costume bem brasileiro, todos falam de suas próprias doenças e das de seus amigos, diagnosticam e prescrevem tratamentos. De quando em quando o médico presente é lembrado: — Doutor o que acha do nôvo preparado tal? Já descobriram a cura do câncer? etc...

Muitas vêzes o assunto é de interêsse particular; — Doutor, o que é bom para o fígado? Eu sófro tremendamente da vesícula. Whisky faz mal? Ou então: — Você que é médico, diga-me o que tenho. Sinto enjôo tôdas as tardes; às vêzes tenho tonturas.

Em certa reunião, lá pelas tantas, uma das senhoras presentes sentiu-se mal e se retirou. O assunto versou sôbre o ocorrido. Todos discutiram, diagnosticaram e deram o tratamento que julgaram adequado. Enquanto eu quieto, pensava: — indisposição psicossomática, aborrecimento da perda no buraco e intoxicação por excesso de tabáco.

Nisto alguém se lembrou: — Temos um médico entre nós. Ele poderá decidir.

Foi quando falei: — Eu sou médico, portanto o único que não pode dar palpites.

O Português respeitoso

— Entrando na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, era praxe que todo calouro fôsse trabalhar nos ambulatórios da Gafree-Guinle, serviço de profilaxia e tratamento das moléstias venereas. Eu não fugi à regra. Dias depois um jovem todo compenetrado fazia as fichas dos pacientes. A um dêles com blenorragia e cancro duro foi indagado: — O senhor pegou isto com uma mulher da vida? A resposta veio pronta. — Não Sinhoire, Sinhoire Doutoïre, foi com uma "Senhora Prostituta", de Belo Horizonte.

*

A velha faceira

No quarto ano médico, trabalhava já numa enfermaria da Sta. Casa, e mudei-me então para uma pensão de uma francesa, à Rua Correia Dutra, que ficava à meio caminho da Faculdade situada à Praia Vermelha e da Sta. Casa, à Rua Sta. Luzia.

Havia nessa pensão uma velha francesa, pequenina e tôda encarquilhada, que quase não podendo andar, arrastava-se. Tinha uns 80 anos, calculava eu; hoje talvez calculasse menos. Fôra uma grande artista, diziam. Devia ter vindo com uma Companhia que aqui aportára no tempo do império, pensava eu.

Um dia aproximou-se de mim e pediu-me se podia lhe arranjar uns supositórios "hemorroidéres". Honrado pela confiança, considerei-a como si fôsse minha primeira cliente particular.

Quase tôda semana trazia-lhe supositórios anti-hemorroidários. Agradecia-me sempre, com satisfação.

Deve estar bem melhor, pensava, pois está mais satisfeita.

Interessei-me pelo caso clínico e sua evolução sob uma terapêutica tão constante. Um dia perguntei-lhe delicadamente: A senhora está melhor das hemorroidas? — Oh eu não tenho hemorroides...

Surpreendido e perplêxo disse: — Então para que a senhora pede sempre supositórios para hemorroides? não é para seu uso? (Passou-me pela idéia uma dúvida; Seria para o seu cachorrinho, tão velho como ela, e, que nunca saía do quarto, coisa de franceza, pois com aquela idade não era possível que tivesse um amante...).

Ó si, ma pour la pele, eu passa no rôsto, cácau, é muito bom para fazer la pele moça.

*

Quem tudo quer ou Homem de pouca fé

Já doutorando de medicina passava minhas férias em S. Paulo. Conheci um moço estroina que além de beber muito, diziam ser dado ao uso da cocaína.

Um dia procurou-me confidencialmente. "Fiz uma conquista formidável, uma da alta, você não pode me dar o nome de um preparado para me dar bastante potência, pois cantarida é perigoso".

Indiquei que tomasse 3 a 4 grânulos de Yohimbina. Fui obrigado a soletrar o nome, que êle escreveu e dizer que não necessitava de receita, que encontraria em qualquer farmácia, e que não era perigoso. Saiu apressado.

Dois dias depois encontrei-o no mesmo local. Perguntei-lhe — Então, como foi?

Êle visivelmente triste e abatido confessou: — Foi um desastre, uma verdadeira vergonha, um espetáculo deprimente.

Fracassou? indaguei.

Pior do que isso. Não sei o que comi e fêz-me mal. Na hora, tive violentas cólicas e tremendo desarranjo intestinal.

Indagando mais detalhes, soube que não comêra nada de especial, pelo contrário, tivera o cuidado de suspender a bebida na véspera do encontro; apenas no dia, ao invêz de tomar os 3 comprimidos, sabendo não serem tóxicos, tomára todo o vidro para que o efeito fôsse espetacular.

E fóra... pois, a Yohimbina, além de afrodisíaco, pela sua ação excitante do parasimpático, em dose alta excitárá-lhe tremendamente o peristaltismo intestinal.

*

Iniciei minha clínica aos 24 anos de idade, portanto bem moço ainda, o que naturalmente inspirava pouca confiança às vêzes. O Snr. é médico? mas tão moço...

Um Senhor de respeito

Entra no consultório um senhor de idade, pequeno sitiante, seguido à distância com respeito pela nora e filho. Ele nunca consultára médico, anuira, desta vez para se vêr livre das insistências da nora. Sempre sofrera de uma bronquite, mas últimamente piorára após uma gripe forte. Iniciei o exame na presença do filho e da nora que a tudo assistiam e ele como que humilhado perante êles, obedeceu. — Tire a camisa, sente-se faz favor. Percuti, auscultei o torax; Respire, Respire forte — Tussa. E agora o Sr. diga trinta e três tôdas as vêzes que eu mandar.

Olhou-me sério. — Doutor, não brinque comigo, olhe que tenho idade para ser seu pai.

Mal entendido do Médico

Atendendo no consultório um casal de sírios do interior. O marido. — Ela sofre de "toroides".

O médico: Hemorroides?

Ele: não doutor... Torreoides.

Percebi então, que ele queria dizer "tireoide". A mulher era portadora de um bócio.

O pechinchador

Após muita luta com a enfermeira para obter uma redução no preço da consulta, e nada ter conseguido. Entra o paciente já idoso, Um sírio típico do interior.

Eu o atendi sério, aborrecido com a cena da sala de espera.

Após um exame físico cuidadoso, disse ao paciente: pronto, póde levantar-se. O doente porém, continuava imóvel, deitado no sofá, olhando-me com uma expressão de inquietação, quase de desespero. Julguei que tivesse um problema difícil e que hesitasse em comunicar. Fiz um sorriso acolhedor e encorajante. — Então, o que tem ainda a dizer? O rosto do homem desanuviou, apareceu um sorriso satisfeito e disse apontando para o pré-cordio: — "Doutor, faz favor escuta mais um pouquinho".

E eu divertido, escutei de nôvo e demoradamente todos os fôcos cardíacos. Ele não obtivera uma redução no preço da consulta mas, com o preço de uma conseguira duas consultas.

Doente sem segundas intenções

Atendo no consultório uma senhora, dona de uma quitanda e viuva. Ouvi a queixa e a história de sua doença e fiz as perguntas elucidativas. E disse: —Agora a Sra. passe para a outra sala e tire a roupa.

— Mas doutor, eu vim só para me consultar...

Honni soit qui mal y pense!

Da necessidade de explicar com minúcia como o doente deve tomar o remédio

Logo no princípio de minha clínica receitei à um paciente com hemorroidas uns supositórios. Expliquei minuciosamente que continham substâncias oleosas e emolientes, evitavam que às fêzes traumatizassem o local afetado, além de possíveis substâncias que contraíam as veias dilatadas, etc. etc.

Saiu ele convicto da necessidade e ação maravilhosa do medicamento receitado.

Dias depois, voltou à consulta decepcionado dizendo:

— Qual doutor, o meu organismo não vai com o remédio, não “adisorvi”.

Eu me esquecera de recomendar que tirasse o envólucro de papel de estanho.

Há muitos anos atendi um chamado para os lados do Parque Jabaquara. Casa de gente pobre e simples. O doente necessitava de um purgante. Receioso, que não encontrasse facilmente na farmácia o medicamento, receitei: Sulfato de Sódio 30 grs., ou Sulfato de Magnésio 30 grs. ou uma garrafinha de óleo de ricino Carlo Erba-Pedi que me dessem notícias do estado do doente após o efeito do purgante. No dia seguinte comunicaram-me: — “Ontem logo depois que o senhor saiu, nós dêmos o sulfato de sódio, o sulfato de magnésio e o óleo de ricino. O doente não aceitou tudo, vomitou uma parte mas mesmo assim fez muito efeito”. Está bem melhor, só muito fraco, não consegue se levantar.

Caso semelhante referiu-me colega que clinicou muitos anos no interior. Atendendo uma criança com faringite disse à mãe que pincelasse a garganta do doentinho com azul de metileno. No dia seguinte encontrou a criança com o pescoço todo pintado de azul.

O Médico em difícil situação

Há muitos anos fui procurado por um casal de poloneses. Estavam há pouco tempo no Brasil. O motivo da consulta era que casados já há tempos, não tinham filhos. A Sra., moça, bonita e estrovertida, falando mal ainda o português, era portadora de um distúrbio hormonal. Tratei-a, ficou grávida e concebeu uma linda criança. Ambos exultaram. Logo que a Sra. saiu da maternidade, o marido procurou-me e insistiu que eu comparecesse à uma festinha de regosijo que iriam dar; não pude me excusar. Eu que marcasse o dia e hora. Marquei o dia e hora. Às 19 horas em ponto tocava a campainha de um apartamento de um prédio à Rua.... Fui atendido pela própria senhora.

— “Ó Dóctôr, que prazerr entre”.

Entrei conduzido, à uma saleta em que deviam estar todos os moradores do prédio em torno de uma “nurse” uniformizada e uma criancinha vestida tôda de rosa, com carinha vermelha igual à todos os recém-nascidos.

Ahi, ela exuberante gritou: — “Agora quero apresentar à todos, quem *fêz* esta criança. O Dóctorr que sem êle eu não teria tido a Verinha”.

Todos olharam e entre os sorrisos, identifiquei os dos brasileiros que estavam em maioria e até umas risadinha abafadas.

Fiquei vermelho feito lacre, perdi o jeito parado na entrada.

E ela sem perceber, já junto da filhinha “Dóctor, aproxime-se, não quer vêr a sua Verinha?”

Aproximei-me contrafeito, só pude dizer: É muito bonitinha, parece com o pai.

Ouvi uma risada vinda do fundo da sala.

Não adiantava explicar, e, até hoje, mesmo dizendo que nenhuma participação tive no nascimento da Verinha, além daquela de médico, sei que não convenceria à aqueles meus patricios que assistiram à cena da noite de Setembro de 1943.

A erudita

Não há muito, estava internado na 2.^a Medicina de Homens da Sta. Casa de S. Paulo, um dêstes clássicos de cirrose descompensada grave. A espôsa do doente queria leva-lo para casa. Argumentei com ela da inconveniência de tal medida, seu estado era grave e sômente num hospital poderia ter assistência adequada. No meio de minha argumentação que julgava mais que convincente atalhou:

— “Doutor, meu marido é um colatra veterano písico, eu sei, porque li muito sôbre o caso”.

Seu marido era de fato um etilista crônico inveterado, talvez resultado de uma neurose situacional, gerada com o casamento, pois somente começara a beber depois de casado. A mulher era terrível e dominadora; costureira e muito lida de almanaques e novelas populares. Era temida na casa de cômodos que morava e dos vizinhos; enquanto êle, operário tímido, bebia certamente para ter coragem de enfrentá-la.

Diante de sua decisão inabalável levou o marido para casa. Tempos depois procurou-me novamente.

— “Doutor, o meu marido está com a barriga muito grande, já arfando para respirar, eu queria que o Snr. mandasse um médico em casa para tirar o líquido para a “paz centese do paciente”.

Fiz-lhe vêr, que o marido precisava ser internado e que nem sempre são indicadas as punções. — Mas êle já fez muitas e melhorou! retrucou ela.

Disse-lhe em tom peremptório que internasse o doente e que o tratamento seria o que o médico julgasse melhor. Virou-me as costas e saiu gritando: — “Ê a vingança do judeu. Ê a vingança do judeu”.

Certamente hoje seu marido descança em “paz” com ou sem a “paracentese”, livre de sua terrível e letrada mulher.

O vendedor de sabonête ou o valôr do sangue

Todos nós sabemos a importância ou valôr que o sangue representa para as mentalidades primitivas ou imaturas. O juramento do sangue em que a mistura do sangue de dois indivíduos ligados até a morte ou os compromissos de honra assinados com sangue testemunham isso. Também é de verificação quotidiana a emoção e impressão que as crianças ao se ferirem levemente experimentam diante do sangue, enquanto que em contusões mais sérias, onde não há sangue embora chorem, pouco se mostram impressionadas e logo se esquecem. Entre os chineses é às vêzes difícil consentirem uma simples injeção endovenosa e com mais dificuldade aí acedem à uma transfusão ou retirada de sangue de uma veia. Os crentes da Seita da Testemunhas de Jeová, não dão e não aceitam sangue. Mas o que muitos médicos talvez não saibam é que uma simples retirada de sangue de um paciente pode ocasionar problemas nas relações com o doente. O velho dito popular francês “se faire du mauvais sang, se tourner le sang” pode ser aplicado neste sentido. O médico precisa ter o cuidado e tacto ao lidar com o sangue de certos pacientes. Aranha Campos contou-me que teve problemas sérios criados por um enfermeiro, antigo doente do pênfigo no Instituto A. de Barros. Nunca chegara a compreender a razão da animosidade que lhe votava tal pessoa que lhe devia tantos benefícios. Somente depois de dez anos, quando sua intervenção salvou o emprego ao enfermeiro, êste ao agradecer-lhe disse então: — “O Senhor é meu amigo, e eu que o odiava. O senhor me ofendeu muito, despresou o meu sangue.

Jogou fóra o meu sangue". Surpreso, Aranha Campos indagou quando fóra isso, e soube que o enfermeiro referia-se à um fato ocorrido dez anos antes por ocasião da filmagem do serviço no qual êle era médico e o outro, doente. Nessa ocasião quizeram fotografar a cena de um médico colhendo sangue de um paciente. Terminada a cena êle esviára os cinco centímetros cúbicos de sangue colhido na pia, sem supor que com isso estivesse fazendo grave ofensa ao dono do sangue.

Dêste tipo de valôr do sangue tive recentemente um exemplo. Frequentemente encontrava-me na entrada da Santa Casa com um acondroplástico que vendia sabonêtes aos visitantes dos doentes. Como notasse que andava com muita dificuldade, oriunda talvez de alteração das vértebras lombares comum nestes casos convenci-o a internar-se para uma possível correção ortopédica na Enfermaria. Enquanto esperava as radiografias, como é de praxe durante três ou quatro dias o técnico de laboratório colheu sangue para Wasserman, contagem global e específica etc... Numa manhã encontro sobre minha mesa um bilhete do acondroplástico.

"Sr. Professor — O meu Sangue Vale Ouro. eu já Estou Pedindo A minha Alta Pelo amor de Deus. O Senho min botou aqui Sam e Sadio e esta achando vez de mim matar tirando o meu Sangue todos us dias e não estou vendo Peso em mim".

Soube que declarára que estava tirando o seu sangue para dar para gente rica.

Um erro de interpretação

Um dia entra no consultório uma italiana velha, caminhando lentamente, apoiada na filha e neta já moça.. Desde a entrada, antes de ve-la, ouvia-a vir pelo corredor, lamentando-se "Madonna mia, Minha nossa Senhora". Caso de insuficiência cardíaca congestiva. intensa, com anasarca, com hipertensão, fibrilação auricular e forte bronquite asmatiforme. Quando deitou-se no sofá, tive mêdo: A cianose intensificou tingindo o rosto de um arroxeadado intenso e sobreveio um acesso de tósse que se seguia de um puxado ruidoso como num acesso de asma. Cheguei a ter receio que falecesse no consultório e logo mandei que se levantasse. Não continuei o exame. Disse à filha que internasse imediatamente a doente. Indicação essa feita sob protestos da paciente que dizia não querer ser internada. Queria morrer em casa. Que era pobre e não tinha dinheiro para gastar em hospital.

Nessa mesma tarde fui ve-la, já internada, num quartinho sem banheiro, no Hospital Oswaldo Cruz, antigo Hospital Alemão. Prescrevi regimen sem sal, uma ampola de cardiovitol endovenosamente todos os dias, com uma ampola de aminofilina e salirgan uma ampola intramuscular cada dois dias.

No dia seguinte encontrei a paciente imperceptivelmente um pouco melhor, mas irritada, protestando contra o internamento; no dia subsequente, querendo ir embora do hospital. No quarto dia, já a filha preocupada com a indocilidade da genitora e também concordando com a pouca eficácia da terapêutica — o que intimamente eu já estava inclinado a aceitar, pois o doente continuava com oligúria e a ascite não diminuía. Receitei mais um purgante de sulfato de magnésio e saí preocupado: eram pobres, não viam grandes melhoras da paciente e já demonstravam pouca confiança no médico, acabariam provavelmente por abandonar o tratamento. Com essa impressão voltei no dia seguinte para realizar a quinta visita. Abro a porta e encontro o quatinho vazio, colchão dobrado sobre a cama, e cêra passada no chão ainda sem lustro. Foram embora, eu já estava prevendo, pensei. Fechei a porta devagar e saí de mansinho, evitando encontrar-me com a enfermeira para não ter o desprazer de ouvir: "Não houve quem os segurasse, queriam ir embora a todo o custo". Assim concluí e procurei esquecer do caso.

Vinte dias após telefonam-me do hospital. — "Doutor, a sua doente do quarto 212 está esperando o senhor para dar alta, disse que já está boa e quer ir para casa." Estranhei. Qual das doentes seria? Nessa ocasião tinha duas doentes internadas em estado grave no corpo principal do hospital. De lá responderam-me: — A sra... que está internada no pavilhão.

Para lá me dirigi e encontrei a velha doente, enxuta, de pé, tôda vestida, instalada num apartamento espaçoso com banheiro exclusivo.

Afinal, não eram tão pobres como eu pensara. A família quisera um quarto melhor e mais confortável, daí ter eu encontrado o quatinho vazio. Para lá haviam inicialmente ido por falta de vaga; logo que haviam conseguido melhores acomodações, mudaram-se. As lamúrias de pobreza eram mais força do hábito adquirido pela velha que aqui aportara como imigrante e que "lavorara" duramente, conseguindo algum pecúlio. Queixava-se não tanto do médico, mas na pujança do seu sangue calabrês, por se ver baqueada e sentir-se fraca e impotente. Para mim dizia: — "Não há como o senhor" — e frizava: — "Primeiro Deus lá em cima e depois o senhor aqui na terra."

Dei-lhe a alta pedida como se assinasse por um outro médico que a tivesse assistido. Eu lhe tinha feito apenas quatro visitas e a enfermeira disciplinada havia seguido à risca a prescrição de um tratamento que eu talvez não tivesse coragem de continuar por tanto tempo.

Meu juízo errado na interpretação psicológica do clima familiar e das queixas e protestos da doente fizeram com que uma série de coincidências fôssem mal interpretadas e a paciente ficasse tão somente protegida por Deus.

Na ocasião da conta voltava ela a se lamuriar: — "Veja Doutor, que somos gente pobre, tenha pena de nós." Cobrar pelas quatro

visitas seria desmerecer a cura. Fiz a conta pelo tratamento, mas me apressei em dizer: — “Este é o preço que eu deveria cobrar, mas para a senhora é só a metade.”

Hoje sou médico de toda a família e todas as vezes que atendo, mesmo os parentes mais afastados ou amigos relembram sempre a cura miraculosa... que eu não fiz, eu experimento uma pontinha de vergonha de ter feito um preço irrisório e de ter recebido pela assistência da divina providência, mas me consolo pensando: — “Quem sabe foi em pagamento das outras vezes em que eu realmente trabalhei e recebi somente um “Deus lhe pague”.

O Figurão

Cliente importante. Ocupará vários postos no governo. Tido como de alta cultura. Pertencendo à todas as sociedades culturais. Vasta biblioteca. Profusamente condecorado. Gostava de ser admirado e convencido de sua rica cultura discorria sobre todos os assuntos que proposital e habilidosamente escolhia. Num dos jantares de todos os dias, doze pessoas sentadas à mesa. Ele na cabeceira. Antes presenteára à cada uma das senhoras com um termômetro Casella de caixa de latão, dizendo: eis um objeto que toda senhora deve ter em casa. Ao jantar naturalmente uma das senhoras falou da lembrança original e útil. Ele sério confirmou: “É de fato muito útil e deve-se ter do melhor. Não foi muito fácil conseguir Casella verdadeiro nesta época de guerra. Mas o termômetro Casella tem um grande inconveniente que todos aqui já conhecem”. Silêncio interrogativo e expectativa. — “Não sabem?” Mas o Doutor aqui sabe e vai nos dizer. Todas as cabeças giraram para o lugar que eu ocupava. Eu também não sabia mas tinha que dizer alguma coisa. — “O inconveniente é que ele só é usado quando se está doente”. Tivéra uma boa saída e ele deixou de sorrir. Parece que ficou ligeiramente decepcionado. O curto silêncio, quebrado por uma objeção de um dos convivas. — “Mas este é o inconveniente de todos os termômetros”. Reaparece o sorriso satisfeito no rosto do anfitrião. — “É isto mesmo Doutor, eu me refiro ao inconveniente do Casella. Eu, por mais que rebuscasse não atinava neste inconveniente específico e disse a guiza de desculpa: — “Que eu saiba é que os termômetros Casella são os melhores, os mais sensíveis e precisos.” Seu rosto então iluminou-se. Eu o conhecia. Tinha lhe dado a deixa. — É justamente na sua precisão e sensibilidade que está o seu grande inconveniente. Pausa proposital. — É um termômetro que só deve ser deixado o tempo que está marcado; um minuto. Deixando mais tempo ele marca febre. Todos aprovaram com o olhar, maravilhados com sua cultura vasta que conhecia cousas da medicina que até um médico desconhecia.

Eu, entre vexado e revoltado, comeci a beber lentamente o vinho da taça. Vinguei-me pensando no presente que ele me dera

após tê-lo tratado de uma pneumonia atípica; um peitoril de prata usado antigamente para arrear animais e que lhe ficaria muito bem. Oh!, delicadeza a quanto obrigas! Silêncio respeitoso à cretinice consagrada.

Pesquisa inédita

A industrialização rápida, o sucesso da produção em linhas de novos modelos de utilidades, também atingiram a medicina. O emprêgo de aparelhos últimos tipos, a introdução de pequenas variações na técnica de exames, sem que isto trouxesse real benefício no resultado, passaram a constituir preocupações de alguns. Sob o signo de "la dona é mobile", do sucesso, da novidade, muitos trabalhos e muita pesquisa se realizou. Hans Selye em Pensamentos à Margem da Medicina Experimental (Boletim do Centro de Estudos do Hospital dos Servidores do Estado, vol. 3, n.º 5, Maio de 1951 declara: — "Possuo uma grande bibliotéca de medicina especializada em endocrinologia, na qual coloquei sob rubrica separada, nos índices dos assuntos, um título "publicações idiotas". Vou citar-lhes um dos títulos desta subdivisão de minha biblioteca, o qual lhes dará a idéia de que qualquer coisa pode ser defendida no bem da própria ciência, porém, que não considero, em absoluto, equivalente à descoberta da penicilina." Trata-se de uma publicação italiana, de Milão, denominada: "O efeito da poeira das ruas de Milão sobre a glicemia da cobaia". Sem dúvida é um assunto original e sem concorrência. Será realmente tão importante sabermos qual o efeito da poeira das ruas de Milão sobre a glicemia das cobaias?"

Também em S. Paulo ocorreu algo semelhante. A endocrinologia, como especialidade médica começara a se difundir entre nós. Montou-se um centro de pesquisa rico em dispositivos técnicos e pessoal. Os dirigentes homens de laboratório, afastados da clínica, naturalmente imbuídos do preconceito que a medicina experimental deve ser ciência pura, tendo seu fim na própria independência da sua aplicação tiveram sua atenção despertada pelo fato constatado há milênios, do cão, ao urinar levantar a perna e a cadela não. Não importa pois antes de Newton muita gente viu cair a maçã e não descobriu as leis da gravidade. Mobilisaram todos os recursos de laboratório e durante mais de um ano, sem olhar para as despesas, serventes, técnicos e médicos, num só esforço comum, lançaram-se em árdua pesquisa. Castrando cachorros das mais diferentes idades e observando, injetando hormônio feminino, observando. Depois passaram a injetar testoviron nas cadelas castradas e não castradas de diferentes idades e observaram seu comportamento. Tudo isto acompanhado dos protocolos de experiências, série tal, número tal. Mas os cães recusaram-se a colaborar. Finda a exaustiva pesquisa uma única e inelutável conclusão se impunha: — a perna é do cachorro e êle levanta-a como e quando quer.

ÍNDICE GERAL DO VOLUME XXII

A

- Adamantinoma —, 41
 Adamantinoma. Gênese formal do —, 39
 Afecções do intestino delgado em 39.022 doentes internados no Sanatório São Lucas —, 47
 Anestesia em pediatria. Promazina na pré- —, 83
 Apêndices —, 35

B

- BARROS (Geraldo de) — Relatório do Serviço de Radiologia —, 112
 BOOCK (Sylvio C.) — Relatório do Laboratório de Análises Clínicas —, 171
 BRESSAN (Paulo G.) — Relatório do exercício findo —, 153
 BRESSAN (Paulo) e RIBEIRO (Eurico Branco) — O VI Congresso Brasileiro de Cirurgias —, 6

C

- Cancer. Gastric resection in conditions other than ulcer and —, 135
 Câncer papilífero do ovário e de "ulcus sine ulcus" do duodeno. Os casos vêm aos pares. A propósito de —, 19
 Choque conceito, classificação e aspectos médico-legais —, 54
 Ciste wolffiano vaginal. Sobre um caso de —, 51
 Congresso Brasileiro de Cirurgias. O VI —, 6
 Congresso nos Estados Unidos. Um —, 147

D

- Discurso de posse do novo presidente —, 154

E

- Estômago. Tumor peri-renal (Metastases de neo de —, 131
 Estrangulamento herniário. Conduta em um caso de —, 163
 Estruma ovárico —, 88

F

- FARIA (José Saldanha) — Movimento dos doentes hospitalizados no terceiro andar —, 109
 FARIA (José Saldanha), RICCO (Enrico) e LORDY (Carmo) — Estruma ovárico —, 88
 FARIA (Menandro de) — Promazina na pré-anestesia em pediatria —, 83
 Fundação para o Progresso da Cirurgia (A) —, 115

G

- GABRIELE (Nicola) — Neurofibroma do pulmão —, 67
 Gastric resection in conditions other than ulcer and cancer —, 135
 Gênese formal do adamantinoma —, 39
 GONZAGA (Jefferson Gonçalves) — Terapêutica da hipnose —, 92

H

Herniário. Conduta em um caso de estrangulamento —, 163

Hidatide de Morgagni e sua frequência no Sanatório São Lucas. Torção do pedículo da —, 71

HINKI (Kumagai) — Torção do pedículo da hidatide de Morgagni e sua frequência no Sanatório São Lucas —, 71

Hipernefroma (Apresentação de um caso da variedade chamada maligna e atípica —, 166

Hipnose. Terapêutica da —, 92

I

ITO (Yoiti) e LORDY (Carmo) — Mesentério comum —, 99

J

Literatura Médica —, 79, 172

LORDY (Carmo) — Departamento de Anatomia Patológica em 1960 —, 160

LORDY (Carmo) — Gênese formal do adamantinoma —, 39

LORDY (Carmo) — e ITO (Yoiti) — Mesentério comum —, 99

LORDY (Carmo) e MACHADO (Waldemar) — Sobre um caso de ciste wolffiano vaginal —, 51

LORDY (Carmo) e MACHADO (Waldemar) — Tumor peri-renal (Metastases de neo de estômago) —, 131

LORDY (Carmo) e OLIVEIRA BASTOS (Carlos) — Hipernefroma (Apresentação de um caso da variedade chamada maligna e atípica) —, 166

LORDY (Carmo), RICCO (Enrico) e FARIA (José Saldanha) — Estruma ovárico —, 88

M

MACHADO (Waldemar) e LORDY (Carmo) — Sobre um caso de ciste wolffiano vaginal —, 51

MACHADO (Waldemar) e LORDY (Carmo) — Tumor peri-renal (Metastases de neo de estômago) —, 131

MACHADO (Waldemar) — Mixoma do ovário —, 3

MACHADO (Waldemar) — Movimento da Secção de Maternidade em 1960 —, 156

MEIRA (Affonso Renato) — Choque: conceito, classificação e aspectos médico-legais —, 54

Mesentério comum —, 99, 104

Mixoma do ovário —, 3

N

Neurofibroma do pulmão —, 67

O

OLIVEIRA BASTOS (Carlos) e LORDY (Carmo) — Hipernefroma (Apresentação de um caso da variedade chamada maligna e atípica) —, 166

Ovário. Mixoma do —, 3

P

Profissão triste. O lado cômico de uma —, 179

Promazina na pré-anestesia em pediatria —, 83

Pulmão. Neurofibroma do —, 67

R

Relatório do exercício findo —, 153

RIBEIRO (Eurico Branco) — Adamantinoma —, 41

RIBEIRO (Eurico Branco) — Apendicites —, 35

RIBEIRO (Eurico Branco) e BRESSAN (Paulo) — O VI Congresso Brasileiro de Cirurgiões —, 6

RIBEIRO (Eurico Branco) — Conduta em um caso de estrangulamento herniário —, 163

RIBEIRO (Eurico Branco) — A Fundação para o Progresso da Cirurgia —, 115

RIBEIRO (Eurico Branco) — Gastric resection in conditions other than ulcer and cancer —, 135

RIBEIRO (Eurico Branco) — Mesentério comum —, 104

RIBEIRO (Eurico Branco) — Os casos vêm aos pares — A propósito de câncer papilífero do ovário e de "ulcus sine ulcus" do duodeno —, 19

- RIBEIRO (Eurico Branco) — Um congresso nos Estados Unidos —, 147
 RICCO (Enrico) — Discurso de posse do novo presidente —, 154
 RICCO (Enrico), FARIA (José Saldanha) e LORDY (Carmo) — Estruma ovárico —, 88

S

- Sanatório São Lucas — Reuniões do Corpo Médico —, 13, 60, 78
 Sanatório São Lucas em 1959 — Exames radiológicos realizados —, 16
 Sanatório São Lucas em 1960 — Departamento de Anatomia Patológica —, 160
 Sanatório São Lucas em 1960 — Departamento de Médicos Internos e Estagiários —, 122
 Sanatório São Lucas em 1960 — Movimento do Ambulatório —, 144
 Sanatório São Lucas — Movimento cirúrgico —, 32
 Sanatório São Lucas em 1960. Movimento dos doentes hospitalizados no terceiro andar —, 109
 Sanatório São Lucas em 1960 — Movimento da Seção de Maternidade —, 156
 Sanatório São Lucas em 1960 — Movimento do Serviço de Anestesia —, 124

Sanatório São Lucas em 1960 — Relatório do Laboratório de Análises Clínicas —, 171

Sanatório São Lucas em 1960 — Relatório referente ao segundo andar —, 127

Sanatório São Lucas em 1960 — Relatório do Serviço Radiológico —, 112

Sociedade Médica São Lucas — Relação dos trabalhos apresentados durante o ano de 1959 —, 44

SONNLEITHNER (João Noel von) — Movimento do Ambulatório —, 144

T

Torção do pedículo da hidatíde de Morgagni e sua frequência no Sanatório São Lucas —, 71

TORRES (Ulisses Lemos) — O lado cômico de uma profissão triste —, 179

Tumor peri-renal (Metastases de neo de estômago) —, 131

U

"Ulcus sine ulcus" do duodeno. Os casos vêm aos pares — A propósito de câncer papilífero do ovário e de —, 19

